

Collor culpa Sarney pela alta

O presidente eleito Fernando Collor de Mello reagiu ontem às versões de que a disparada do dólar no mercado paralelo e das bolsas de valores seja consequência das suas declarações durante a entrevista coletiva que concedeu quarta-feira, quando considerou os aumentos de preços um "caso de polícia". O porta-voz do presidente, Cláudio Humberto Rosa e Silva, disse que "as alterações no mercado devem-se à omissão e inabilidade do atual governo na condução da política econômica".

Rosa e Silva afirmou que o mercado já está desestruturado pela "incompetência do governo na gerência dos assuntos econômicos". Já se observava nos últimos dias um nervosismo no mercado financeiro e, segundo o assessor de Collor, não se pode atribuir à entrevista do presidente eleito os movimentos especulativos de ontem.

A assessora econômica Zélia Cardoso de Mello manteve diversos contatos ontem com o presidente eleito em seu gabinete no "Bolo de Naiva", discutindo o plano de estabilização econômica elaborado pela equipe de economistas que ficou no Brasil durante a viagem de Collor ao Exterior.

Em São Paulo, o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, garantiu não estar

preocupado com a disparada do dólar no mercado paralelo. "A alta não foi tão elevada" — comentou o ministro, que se reuniu ontem à noite com cerca de 40 empresários na casa do presidente do grupo Brasmotor, Miguel Etchenique.

Maílson comparou a alta atingida pelo dólar (8,85%) com os índices de outros investimentos para ele igualmente elevados: ouro, 5%, e 3% para a taxa do overnight. "Em outros tempos, nós já tivemos uma disparada de 8% no ouro enquanto a moeda americana no black apresentava uma valorização de apenas 1%" — disse o ministro, que se recusou a fazer qualquer outro comentário, justificando que não falaria sobre "boatos sobre os quais não tinha nenhuma responsabilidade".

No entanto, o ministro da Fazenda reiterou sua determinação de utilizar todos os instrumentos disponíveis para continuar mantendo a economia "em funcionamento". Porém, afastou qualquer possibilidade de novas medidas ou de mudanças na política econômica, como uma maxidesvalorização ou outra intervenção mais dura no mercado.

Sobre a reunião com os empresários, Maílson preferiu não falar sobre o objetivo do encontro, limitando-se a informar que foi apenas um "jantar de homenagem".